

TRADUZINDO FORA DO EIXO: ENTREVISTA COM LUCIANO DUTRA

TRANSLATING OFF-TRACK: INTERVIEW WITH LUCIANO DUTRA



Entrevista¹ concedida a

Nicollas Cayann
Doutorando em Estudos Literários
Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras
Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil
orcid.org/0000-0001-9493-1102
nicollascayann@gmail.com

Olívia Scarpari
Doutoranda em Estudos Literários
Universidade Federal do Paraná
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas Programa
de Pós-Graduação em Letras
Curitiba, Paraná, Brasil
orcid.org/0000-0002-4984-6854
oliviascarpari@gmail.com

Resumo: A história do mundo está escrita em línguas imperiais como português, espanhol, inglês e francês. Estes idiomas de prestígio internacional são também línguas colonizadoras, e nisso se implica uma forte relação com difusão, produção, tradução e poder, a isso chamamos de geopolítica da linguagem. A área da tradução, tanto quanto os estudos da linguagem, é um importante campo de pesquisa e produção dentro da diegese internacionalista que decorre da república internacional das letras. O empenho tradutório está, na verdade, circunscrito tanto na ampliação de um mundo anglófono quanto no âmbito resistente que propõe a constante aproximação de línguas menos hegemônicas. Esta segunda situação é certamente o caso de Luciano Dutra, que se mudou para Islândia inspirado pelas referências nórdicas de suas leituras de Borges. Nas terras gélidas onde se originaram as sagas islandesas, Luciano Dutra se tornou fluente no islandês, idioma pouco frequente em cursos de língua ou livrarias, e, mais que isso, se tornou tradutor de islandês-português. Nesta entrevista, Luciano Dutra compartilha um pouco desta vivência nórdica e de sua experiência como um tradutor fora do eixo.

Palavras-chave: Entrevista. Luciano Dutra. Literatura Nórdica.

Abstract: The History of the world is written in imperial languages, such as Portuguese, Spanish, English and French. Those prestigious languages are also colonizers and that implies a strong relation with dissemination, production, translation and power: it is the so-called geopolitics of language. The area of translation, as well as the one of language studies, is an important research field and production inside the internationalist diegesis, due to the international republic of Letters. The translation effort is, in fact, circumscribed both in the amplification of the Anglophone world and in the resistance as well as it intends the constant approximation of less hegemonic languages. The aforementioned situation is definitely the case of Luciano Dutra, who has moved to Iceland inspired by the Nordic references in the books of Borges. In the cold lands where the Icelandic sagas were created, Luciano Dutra has become fluent in Icelandic, a language that is very rare to find courses or material in book stores about. He has also become a translator in Icelandic-Portuguese. Luciano Dutra has given us an interview in which he shares a little about living in Iceland and also about his experience as an off-track translator.

Keywords: Interview. Luciano Dutra. Nordic Literature.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Há 18 anos, o gaúcho Luciano Dutra² trocou a geada do pampa pelas montanhas geladas da Islândia. Aparentemente, tudo foi culpa de Jorge Luis Borges. Impressionado com as sagas islandesas aludidas pelo escritor argentino em seus textos, Dutra decidiu que iria aprender o idioma para traduzí-las para o português. Em 2002, foi aceito na Universidade da Islândia (*Háskóli Íslands*) para cursar o Bacharelado em Letras Islandesas. Mestrando em Estudos da Tradução pela mesma universidade, a experiência de Dutra como tradutor de islandês é extensa. Uma longa trajetória que começou com a tradução das sagas sobre o país gelado no Atlântico Norte até figurar entre os dez finalistas do prêmio Jabuti em 2018, na categoria tradução, com *Na Boca da Baleia* (2017), do escritor Sjón. Também foi o tradutor de *Nona manhã/Níggindi morgun* de Carl Jóhan Jensen (2017), coletânea de poemas em edição bilingue, e primeiro livro traduzido diretamente do feroês ao português, lançado na Feira do Livro de POA, em 2017. Alguns títulos importantes traduzidos por Dutra são *Anjos do universo/Englar alheimsins* (2013), de Einar Már Guðmundsson, e *Ascensão e queda/Stigninger og fald* (2019), da dinamarquesa Josefine Klougart.

2

Luciano Dutra é o único tradutor juramentado do islandês para o português, além de ser um dos cinco tradutores literários a fazer a ponte entre os dois idiomas. Fundou em Reykjavík, em 2014, a Sagarana Forlag, editora plurilíngue que enfoca a publicação de literatura em tradução entre as línguas nórdicas e o português. Outro foco importante na divulgação das leituras nórdicas fica por conta da criação, em 2016, da página *Um poema nórdico ao dia* (Facebook e Instagram), que publica diariamente poemas de autores de todos os países nórdicos, a maioria deles até então inéditos em português, sempre em tradução direta dos idiomas originais. Tem experiência também como documentarista: foi roteirista do documentário *Ao Sul eles foram* (2013) sobre a imigração islandesa no Brasil no fim do século XIX.

Dutra parece ter a biografia entrelaçada aos caminhos da tradução. Nesta entrevista, ele faz um breve apanhado contextual de como é a vida de um tradutor profissional na Islândia, avalia a importância da tradução para o fortalecimento de um idioma, além de comentar a respeito da relevância do papel de traduzir textos de idiomas tão pouco falados no mundo, como as línguas nórdicas em geral.

1. Como surgiu o plano de morar na Islândia? Já sabia islandês? Como estudaste?

Minha vinda à Islândia, em 2002, foi minha primeira experiência de residir e estudar no exterior. Em princípio, tinha a intenção de concluir a graduação em Estudos Islandeses, com

ênfase em Literatura Islandesa e, então, planejava retornar ao Brasil. Os planos mudaram e acabei fazendo também Estudos de Tradução como *minor* (ênfase secundária). Depois, iniciei um mestrado em Estudos de Tradução, ainda não concluído.

Minha grande motivação para vir à Islândia foi estudar Literatura Medieval Islandesa, uma coisa única e pouco conhecida no Brasil e na América Latina em geral e, praticamente, inédita em português. Procurei aprender islandês por conta própria no Brasil, já que não existe nenhuma formação do tipo no país, nem para estudar o islandês antigo nem o moderno. Tentei me haver com algumas pequenas traduções à época, mas o islandês se mostrou um idioma difícil de domar de forma autodidata. Então, fiquei sabendo da existência de uma graduação de língua islandesa como segundo idioma. Me candidatei à vaga, fui aceito, e foi assim que as coisas começaram para mim no islandês, na literatura islandesa e depois na literatura nórdica.

2. *Em entrevista à revista Piauí (Moreira Salles, 2009), tu relatas que a obra de Jorge Luis Borges teve forte influência para que entrasse em contato com a cultura islandesa. O que o argentino Borges tem a ver com a Islândia?*

Borges, como se sabe, é um escritor argentino muito pouco argentino. Ele tinha grande interesse pela literatura universal e mantinha uma forte ligação com a literatura inglesa através da qual chegou ao inglês antigo, o que acabou o levando a se interessar pelo islandês, pois o inglês da época, ou seja, o anglo-saxão, e o islandês eram idiomas muito parecidos. Essa foi minha porta de entrada para a literatura islandesa. Nos seus ensaios, Borges aborda algumas questões sobre a literatura medieval da Islândia, como as chamadas *kenningar*³, que são um tipo de linguagem figurada: não exatamente metáforas, mas formas indiretas de dizer as coisas.

No livro *Literaturas Germânicas Medievais*, Borges tem uma lista dos significados de algumas dessas *kenningar* da literatura medieval islandesa. Também alguns de seus sonetos mencionam a Islândia, os poetas medievais da Islândia ou Snorri Sturluson, que é um escritor muito importante na preservação da literatura tradicional da Islândia e da Escandinávia medieval. Borges visitou a Islândia duas ou três vezes, o que o torna um dos primeiros escritores da América Latina interessados em divulgar a cultura literária islandesa no universo latino-americano.

3. *Encerrado em 1999, o curso de bacharelado em tradução da PUC – RS é considerado um dos mais antigos do país (abertura data de 1972). Hoje temos Bacharelado em Tradução na*

UFRGS, na UFPEL, na UFPR e em várias universidades do país, como é a situação na Islândia? O curso de Letras é separado da Tradução?

No ensino universitário islandês, temos o curso de Estudos Islandeses, criado no início do século XX por ocasião da fundação da Universidade da Islândia, que se fundamenta no estudo das sagas e da poesia medieval. Com o tempo, o Departamento de Línguas Clássicas e o Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas começaram a se formar. Já o curso de Tradução tem em torno de vinte e cinco anos: começou de uma maneira um pouco tímida, com apenas algumas disciplinas, mas, em um determinado momento, houve a condição de criar um Bacharelado. Também há a opção de fazer Estudos de Tradução como ênfase secundária, combinada com outra área de Letras. Foi o que eu fiz: por dois anos, segui Estudos Islandeses e, no último, Estudos de Tradução como *minor* (ênfase secundária).

Além do Bacharelado e da opção de ênfase secundária, existe, atualmente, a pós-graduação em Estudos de Tradução. Quando a Islândia se candidatou à União Europeia, desenvolveu-se um curso específico de intérprete europeu para o qual vieram recursos de Bruxelas, inclusive para equipamentos de interação simultânea em cabina. Mas isso tudo foi abandonado, em 2013, com a desistência da Islândia de se candidatar a participar da zona do Euro.

4

4. Quais são as diferenças com o trato da literatura entre Islândia e Brasil?

A relação dos islandeses com a literatura é interessante. A Islândia é um país de descendência escandinava/nórdica. Desse modo, quando a ilha foi colonizada, não existia o alfabeto latino da forma como se verificava no continente. Havia, sim, a escrita rúnica, que não se prestava para escrever em pergaminhos ou em papel, por exemplo. Era uma escrita monumental de objetos, espadas, escudos e entalhe em madeira em construções. Na Islândia, infelizmente, as evidências arqueológicas dessa escrita foram sendo, pouco a pouco, perdidas.

A partir do ano 1000, quando o país, numa decisão política, adotou o cristianismo como religião nacional, estabeleceu-se uma estrutura eclesiástica e, com isso, a adoção do alfabeto latino. Muito rapidamente, criou-se uma tradição literária a partir da contação de histórias de tradições germânicas desde a época das migrações do centro da Alemanha para a Escandinávia. Durante a expansão para o oeste, — como no caso da Groenlândia, Islândia, Ilhas Feroés — e também para o leste, — como na Rússia, Ucrânia até Constantinopla na idade medieval — também foi sendo desenvolvida uma literatura narrando a vida dos santos, como aquela copiada da Europa.

A evolução desse gênero motivou o surgimento das sagas islandesas, que são, resumidamente, histórias sobre pessoas, famílias e clãs que vieram para a Islândia com o objetivo de colonizar a região e acabaram detendo estruturas de poder e de governo no país. São histórias que narram como se davam os embates entre os clãs, as relações dos islandeses destes grupos com a Escandinávia da qual eram, por um lado, independentes e, por outro, comercialmente e culturalmente relacionados. Nesse contexto, a produção literária se desenvolve muito rápido: em apenas 200 anos, temos uma idade de ouro da literatura. Pode-se dizer que a prosa romanesca narrativa na Europa deve um pouco a esta vertente, uma vez que alguns estudiosos chegam a atribuir às sagas islandesas um prenúncio do que viria a ser o romance europeu moderno.

Há também eventos como o Festival de Literatura de Reykjavík, que traz sempre autores internacionais de renome, mas sempre preservando a participação dos autores islandeses. Contamos com uma cartela muito forte de poetas e prosadores, alguns bastante conhecidos na Europa e na América do Norte (alguns até chegaram ao Brasil através da tradução). Quanto à leitura, é algo que tem a ver com a identidade nacional: os islandeses a enaltecem muito desde a escola, têm o hábito de se presentear e de comprar muitos livros. Avalio que o livro, a leitura, a literatura não são supérfluos na Islândia, mas, sim, produtos de primeira necessidade.

5. *Uma matéria da BBC datada de 2015 menciona que a Islândia, com uma população de cerca de 350,000, é o país com mais livros publicados e traduzidos per capita. Os índices divulgados pela BBC, em 2015, indicam que um a cada dez islandeses vai publicar um livro. Como é ser um tradutor em um lugar com uma grande profusão de escritores?*

Não estou certo de que a estatística da BBC corresponda exatamente ao pé da letra, mas a Islândia, de fato, é um país onde muitas pessoas se dedicam à escrita como atividade profissional. Há também aquelas que escrevem, em algum momento da vida, uma biografia, uma autobiografia ou algum livro de genealogia. Outras escrevem até mesmo sobre a história local, tratando de assuntos mais cômicos e pitorescos.

Há um gênero muito interessante desenvolvido aqui, que são as *narrativas de desaparecimentos (hrakningarsögur)* por causa da natureza. A Islândia é um país com um clima inclemente, cuja própria paisagem é bastante rústica em alguns locais, com campos de lava, despenhadeiros, erupções vulcânicas. Ao longo da história da Islândia, acabou-se por

retratar na escrita uma realidade na qual pessoas desapareciam e desaparecem muito na natureza e, com isso, foi-se desenvolvendo um gênero que dava conta da temática.⁴

Outro gênero bastante praticado é o *necrológio* (*minningargreinar*). Quando perdem algum ente querido, os islandeses costumam escrever no jornal a respeito de suas memórias, de como conheceram a pessoa que morreu, das características que ela tinha. É um país com a vocação da escrita: desde a era medieval se contam histórias a respeito da vida aqui e da vida do entorno mais próximo, que é Escandinávia, as Ilhas Britânicas, a América do Norte. Existem, inclusive, algumas sagas medievais que contam a chegada dos colonizadores noruegueses e islandeses à América do Norte antes ainda da sua descoberta pelos espanhóis. É um privilégio ser um tradutor de uma língua que tem essa pujança de escrita porque, de certa forma, foi o islandês e a literatura islandesa — tendo depois se ampliado para as demais línguas nórdicas — que me deram a oportunidade de começar minha vida e trajetória como tradutor literário.

6

6. A profissão de escritor é bem respeitada na Islândia: há um aparato institucional de suporte aos escritores e à produção literária, como, por exemplo, o Icelandic Literature Center e o Iceland Writers Retreat. Quais são os incentivos para a tradução na Islândia? É muito diferente do status que o tradutor possui no Brasil?

A profissão de escritor e todas as profissões que envolvem a escrita e a criação artística contam com apoio institucional na Islândia. Todo ano, o parlamento nacional concede salários para artistas que têm projetos em andamento. Geralmente, algum escritor com carreira já mais consolidada também costuma receber alguma subvenção vitalícia. O Centro de Literatura Islandesa apoia tanto a tradução de obras islandesas no exterior como as versões de literatura estrangeira para a língua islandesa.

Além disso, todas as traduções feitas para o islandês têm um contrato padrão, como acontece com os escritores. Há uma negociação por parte das editoras junto à federação de escritores e, da mesma forma, com tradutores, dramaturgos, escritores de roteiro, poetas. Desse modo, independentemente de ser sócio-membro da federação de escritores, o tradutor nunca irá negociar com uma editora a partir de uma posição individual; ao contrário, vai se beneficiar do contrato padrão negociado entre o sindicato, a federação dos autores e tradutores e o sindicato ou a associação de editores islandesa. Isso confere uma tranquilidade ao processo, já que promove uma força negocial para os tradutores. Também é o motivo pelo qual muitos escritores da Islândia trabalham como tradutores de literatura. No caso de Paulo Coelho, por

exemplo, autor que, em geral, tem tradutores mais comerciais em vários países, na Islândia, é traduzido por dois grandes escritores. Os textos do autor adquirem até um certo refinamento que, às vezes, não encontramos no texto original.

7. *Tu estás organizando um dicionário português-islandês. Há quantos anos começou esse projeto e como está o andamento agora?*

A organização de um dicionário islandês-português foi uma necessidade sentida desde que comecei a aprender o idioma. Quando cheguei aqui, para se ter uma ideia, sequer havia um dicionário islandês-espanhol, algo que acabou sendo realizado posteriormente. A ideia nasceu da prática espontânea de pegar o dicionário islandês-inglês que usávamos na universidade e começar a rabiscar as palavras que íamos aprendendo a cada aula. Eu ainda tenho este dicionário com as anotações em algum lugar e, por algum tempo, tive o empenho em tentar concretizar um livro físico que contivesse todos esses vocábulos. No momento, contudo, o projeto está engavetado, pois a lexicografia não é mais uma tarefa que, em geral, comporta o voluntarismo individual. Ao contrário, é uma atividade que possui algumas técnicas e que depende muito de *corpora* textuais e de trabalho coletivo — e todo tipo de trabalho que necessita de recursos humanos especializados, naturalmente, também envolve dinheiro. Dessa forma, seria necessário encontrar meios de financiar o projeto. Acredito que, em algum momento, vá acontecer, mas depende muito de haver uma gama de pessoas trabalhando entre o islandês e o português que possam colaborar.

7

8. *Tens também uma ação muito interessante chamada Um poema nórdico ao dia, uma página no Facebook na qual é publicado, diariamente, um poema nórdico traduzido para o português. De quais idiomas tu traduzes? E ainda: por que e qual a importância de traduzir literatura de idiomas tão pouco falados no mundo, como no caso das línguas nórdicas?*

Um poema nórdico ao dia é um exemplo de um interesse pessoal que acabou se tornando, de maneira espontânea, um projeto concreto. A página no Facebook nasce a partir do desejo de colocar em prática um conhecimento que estava sendo construído: o islandês é minha primeira língua estrangeira e, das línguas nórdicas, é meu idioma originário. Conservador e antigo por natureza, o islandês abriu a porta para outras línguas da Escandinávia e também para o feroês, irmã do islandês (ao menos em termos escritos e gramaticais).

Eu costumava traduzir poemas esporadicamente até que, em 2016, decidi criar uma página no Facebook para postar um poema traduzido por dia. Criei, então, um calendário

semanal, organizando a tradução de um idioma de cada país por dia para estruturar as publicações. Todas as línguas nórdicas são contempladas, exceto as línguas nórdicas não germânicas, como é o caso do finlandês e do groenlandês⁵, que não estão no meu arcabouço de conhecimento. Atualmente, contamos com colaboradores que publicam traduções direto do finlandês e também de outros idiomas nórdicos.

A importância de uma plataforma como esta é que não temos uma mediação de um idioma internacional. Afinal, sempre se perde alguma coisa quando se tem uma tradução através de um idioma intermediário. Acredito que a poesia nórdica, assim como a literatura nórdica, sempre terá alguma coisa para dizer às outras comunidades linguísticas e culturais, independente da distância geográfica. Em um clássico artigo sobre tradução, o filósofo Ortega y Gasset escreve que o conhecimento da experiência humana é, de certa forma, pulverizado nos idiomas. Cada idioma recorta a realidade de uma maneira diferente e cada tradição literária tem, portanto, algo diferente a dizer sobre o que é ser humano e o que é viver a experiência humana. A tradução permite, então, infiltrar a descrição da experiência humana para outro idioma e para outra realidade. Com isso, vamos montando um mosaico mais amplo do que se mantivéssemos uma visão monolíngue. É o que Ortega y Gasset chama de “esplendor da tradução”, isto é, a utopia do poder tradutório.

8

9. Podes contar um pouco da história da fundação da tua editora, a Sagarana forlag?

A Sagarana forlag surge a partir da minha intenção de trazer um pouco de literatura dos países de língua portuguesa para a Islândia. A editora começa em 2014 com três livros de autores islandeses que nunca tinham tido seus contos publicados em livro, apenas em periódicos. Depois, a editora se volta para a questão da obra traduzida.

Em princípio, seriam publicações da esfera da lusofonia, mas acabou virando uma mistura mais ampla de literatura escandinava que não saía na Islândia e, noutra vertente, em coedição com editoras brasileiras que queriam lançar livros nórdicos aí no país. A Sagarana forlag é essencialmente uma pequena editora, mas já conta com algumas realizações das quais me deixam orgulhoso, como, por exemplo, a publicação de *A desumanização*, o romance de Valter Hugo Mãe que se passa na Islândia; algo do escritor norueguês Karl Ove Knausgård, *best-seller* no mundo todo, que ainda não havia sido publicado em islandês – fizemos uma amostra de *Minha Luta*, aproveitando uma passagem do autor pela Islândia; também publicamos o primeiro livro de poesia brasileira na Islândia (*16 ljó? + 1*), de autoria da Francesca Cricelli, minha esposa; e lançamos, em parceria com a editora brasileira Moinhos,

um romance da Josefine Klougart, jovem escritora dinamarquesa. Em resumo, é uma editora de tradutores e de traduções.

10. Traduziste a antologia de poemas do escritor feroês Carl Jóhan Jensen, publicado em parceria com a sua editora e a editora Moinhos. Vocês fizeram um tour pelo Brasil, em 2017, por ocasião do lançamento dessa tradução. Como foi a recepção desse livro por aqui?

Nona Manhã de Carl Jóhan Jensen, um escritor das Ilhas Feroés, foi um livro traduzido e produzido muito rapidamente para contemplar a participação do autor na Feira do Livro de Porto Alegre de 2017. Ao que se saiba, é o primeiro livro traduzido do feroês para o português. Na Feira do Livro, fizemos uma boa conversa com o público e, para nossa surpresa, formou-se uma pequena fila de autógrafos, coisa inusitada para um escritor acostumado a circular mais pelo universo escandinavo e nórdico. De repente, Carl Jóhan estava no sul do Brasil, com o livro bilíngue, conversando sobre o que é o feroês e a literatura feroesa, uma literatura muito jovem que desperta curiosidade no público.

Às vezes, vemos um *establishment* da literatura e do jornalismo cultural no Brasil que tem uma visão calcada pelos idiomas de mais prestígio mundial e não entende que possa existir uma língua falada por 60 mil pessoas que tenha literatura que possa ser traduzida. Não existe idioma menor, existe mentalidade menor: certos meios de comunicação ficaram um pouco perplexos com a existência do feroês e com produção de uma literatura independente feita no idioma. Perguntavam-se também por que estávamos divulgando aquela produção no Brasil.

O fato de este livro ter saído é, de uma certa forma, um ato de resistência cultural e de afirmação da diversidade. Em 2017, já vínhamos passando por uma crise generalizada no Brasil, e acho que a presença de um escritor de uma língua minoritária é uma provocação até, algumas pessoas dos cadernos culturais do Brasil se sentiram provocadas. É um trabalho do qual eu me orgulho bastante. Não é uma poesia fácil para quem lê e, por consequência, não foi um livro fácil de traduzir.

11. Recentemente publicado, em 2018, a tradução do livro de Sjón, *Pela Boca da Baleia*, ficou em segundo lugar no Prêmio Ronái da Biblioteca Nacional, além de, no mesmo ano, ter sido um dos finalistas em Tradução do Prêmio Jabuti. Como surgiu a ideia de traduzir esse título?

A história da tradução dos dois livros do Sjón que saíram no Brasil é interessante. O primeiro livro, adquirido inicialmente pela editora Hedra, se passa na época da reforma luterana no norte da Europa. O personagem principal realmente existiu e é uma espécie de humanista,

quase uma figura renascentista com muita curiosidade científica. A história gira em torno deste protagonista deixado para morrer, exilado em uma ilha menor do que a da Islândia, e de suas tentativas para escapar desta situação. Quando a tradução ficou pronta, a Hedra me disse que seria muito complicado ser este o primeiro livro do Sjón a ser publicado no Brasil.

Como o Sjón é um escritor com reputação bem-estabelecida na Europa e na América do Norte, a editora considerou que não seria muito estratégico publicar um livro que é difícil até para os islandeses — uma história muito remota no tempo, cuja escrita tenta simular o islandês da época. Acabaram adquirindo, então, os direitos de um segundo livro dele que é mais curto e mais perto da nossa realidade histórica, o *Raposa Sombria* (*Skugga-Baldur*). Assim, a tradução do *Pela Boca da Baleia* (*Rökkurbýsnir*) ficou engavetada durante alguns anos até que a Planeta resolveu publicar o livro no Brasil. Ou seja, este livro foi traduzido por iniciativa da Hedra, e a Tusquets (selo da editora Planeta), anos depois, acabou encampando o projeto. O livro traduzido por minha iniciativa foi *Raposa Sombria*, que afinal foi o que saiu pela Hedra.

10

12. *Tu publicaste uma versão em islandês da Estética do Frio, do escritor e compositor Vitor Ramil. Como surgiu esta oportunidade? Consideras que existem pontos de convergência entre a concepção estética do sul do Brasil com as da Islândia?*

Uma feliz coincidência possibilitou que *A Estética do Frio* saísse aqui na Islândia. O ensaio do Vitor Ramil teve sua primeira versão escrita para um evento que aconteceu em Genebra no qual se falava de um outro Brasil, já que Porto Alegre estava sendo representada nesta conferência. O livro surgiu, então, a partir da necessidade do Vitor de explicar para o público europeu o que existia de característico na cultura do pampa, na cultura regional do sul do Brasil, em comparação com a cultura que normalmente se conhece fora do país do que é representativo da brasilidade, como o samba, a MPB, a bossa nova. Me identifiquei muito com essa necessidade de explicação, já que aqui na Islândia não é diferente. A ideia de traduzir e publicar o livro veio também da minha vontade de explicar para conhecidos e para o público leitor islandês em geral de que, na verdade, existem vários Brasis.

Quando entrei em contato com o Vitor Ramil sobre o projeto, ele estava, por sorte, na Europa, acompanhando a esposa que então fazia um pós-doutoramento em Barcelona. Prontamente, então, ele autorizou a publicação do livro. A partir disso, viabilizou-se uma vinda dele para a Islândia para o lançamento de *A Estética do Frio* e para a realização de um pequeno show. Vitor Ramil é um gênio da palavra, é escritor e tem alguns romances publicados, mas é

conhecido, sobretudo, por se expressar através da música. Assim, o mini-show que fez aqui foi uma forma de ilustrar musicalmente as considerações que ele estava fazendo sobre a música brasileira. No sul, apesar de a música dialogar com a brasilidade mais padronizada da bossa nova e do samba, também são estabelecidas, por necessidade, relações com a música portenha, com a música platina e com a musicalidade do pampa, na qual a milonga é a forma expressiva que o Vitor Ramil encontrou para dar vazão à sua musicalidade pessoal. Os pontos de convergência com a Islândia ficam por conta da questão do frio e da leitura. Além disso, a literatura gauchesca, assim como as sagas, surgiu da oralidade, de contar história em volta da fogueira ou em uma roda de chimarrão e, depois, isso evoluiu para algo mais intelectualizado, graças aos autores de literatura gauchesca da Argentina, do Uruguai e do sul do Brasil. Os pontos de convergência se dão a partir destas origens comuns da narrativa e da contação de histórias.

13. Tu escreveste o roteiro de Ao Sul eles foram (2013), documentário sobre a imigração islandesa no Brasil. Como aconteceu essa imigração e quais os principais desafios encontrados pelos imigrantes de uma cultura tão diversa da do Brasil quando chegaram em nosso país?

11

O roteiro do documentário sobre a imigração islandesa é uma transcrição para a linguagem documentarista do meu trabalho de conclusão de curso na Islândia. Antes de vir para cá, eu desconhecia que tinha havido um grupo muito pequeno, que deixou sua marca, principalmente, na região de Curitiba. Este documentário foi produzido por um grande amigo meu, o jornalista e produtor Sigursteinn Másson.

A imigração islandesa, em resumo, faz parte do fluxo migratório da Europa, a partir da metade do século XIX, que resultou na saída do país de 15 mil pessoas entre 1870 e 1930. Número bastante expressivo para um país que, cem anos depois, possui 366 mil habitantes. Originalmente, a ideia destes imigrantes era fazer uma colônia no Brasil porque eles entendiam que, se existia um núcleo de imigrantes alemães, seria adequado estarem em um local com uma cultura mais parecida, com certa influência luterana.

A colônia islandesa no Brasil é muito menor do que, inicialmente, se propunha a ser. Os islandeses estavam também fugindo do frio, e, por isso, queriam morar no Brasil. Ironicamente, porém, acabaram mais tarde desenvolvendo uma grande colônia islandesa na província de Manitoba no Canadá, um lugar muito mais frio do que a Islândia. Uma das principais dificuldades encontradas pelos islandeses, em terras brasileiras, foi o fato de que

eram acostumados à criação de ovinos. Ao desembarcarem e constatarem uma paisagem cheia de florestas, eles se deram conta, então, de que não era um lugar que se prestaria a esse tipo de cultura. Acabaram praticando agricultura de subsistência e, depois, a partir do momento em que passou a existir uma escolarização de suas crianças no país, partiram para desempenhar profissões liberais. Hoje é uma comunidade diversificada do ponto de vista de atividades profissionais, além de ser bastante miscigenada.

14. Para finalizar, quais as recomendações tu deixarias para os jovens aspirantes a tradutores?

A primeira dica é ler tudo o que caia nas mãos. Além disso, é preciso cultivar todo tipo de interesse, já que nunca se sabe que tipo de material vai chegar para o tradutor. Normalmente, o trabalho é por encomenda, então alguém pode solicitar que se traduza um documento, uma obra literária, uma página da internet, ou que se faça uma interpretação oral de, por exemplo, uma consulta médica, de um depoimento à polícia, de uma audiência no tribunal. Assim, nenhuma leitura é supérflua para um futuro tradutor. É uma profissão para a qual a preparação se dá muito antes de desembocar no exercício profissional propriamente dito. De certa forma, é um tipo de preparação parecida com a de quem vai exercer o jornalismo, já que ambas as atividades envolvem a coleta de dados e a transposição de informações para uma outra linguagem. O jornalismo tenta trocar em miúdos assuntos complexos das diversas áreas, como economia, política, etc., para que fiquem acessíveis à média dos falantes daquele idioma. O mesmo ocorre com a tradução: o tradutor pega um material produzido num idioma distinto e, pautado por esse material original, converte-o num produto cujo idioma seja reconhecível para quem estiver lendo.

Nenhum conhecimento do mundo é alheio ao exercício da tradução. Então é preciso estar atento para o mundo interno da literatura, das artes e da cultura em geral, mas também para os conhecimentos do mundo material. No fundo, a palavra que resume as características de quem um dia vai descobrir que quer ser tradutor é curiosidade.

Muito obrigado, Luciano, a equipe do Diverso te agradece pela disponibilidade.

REFERÊNCIAS

Másson, Sigursteinn (Diretor). (2013). *Ao sul eles foram* [Filme]. Veritas.
Borges, J. L. (1978). *Literaturas germánicas medievales*. Alianza Editorial, 1978.

-
- Guðmundsson, E. M. (2013). *Anjos do universo* [L. Dutra, Trad.]. Hedra. [Tradução de: *Englar alheumsins*]
- Gunnarson, G. (2018). *Aðventa*. Forlagið Bókabúð. (Publicado originalmente em 1937)
- Jensen, C. J. (2017). *Nona Manhã/Niggindi morgun* [L. Dutra, Trad.]. Moinhos/Sagarana Forlag.
- Klougart, J. (2019). *Ascensão e queda* [L. Dutra, Trad.]. Moinhos/Sagarana Forlag. [Tradução de: *Stigninger og fald*]
- Knausgård, K. O. (2013). *Minha Luta* [L. P. Silva, Trad.]. Companhia das Letras. [Tradução de: *Min Kamp*]
- Mãe, V. H. (2014). *A desumanização*. Cosac Naify.
- Moreira Salles, J. (2009, janeiro). A grande ilusão. *Revista Piauí*, (28). Acesso em 20 de julho de 2020. <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-grande-ilusao/>
- Ortega y Gasset, J. (1937). *Miseria y esplendor de la traducción*. La Nation.
- Ramil, V. (2004). *A Estética do Frio – conferência de Genebra*. Satolep.
- Sjón. (2017). *Pela Boca da Baleia* [L. Dutra, Trad.]. Planeta do Brasil. [Tradução de: *Rökkurbýsnir*]
- Sjón. (2014). *Raposa sombria* [L. Dutra, Trad.]. Hedra. [Tradução de: *Skugga-Baldur*]

¹ Entrevista concedida ao programa de rádio *Diverso em Prosa*, no dia 29 de maio de 2020, no episódio que tratava sobre tradução de literaturas fora do eixo. Parte desta entrevista foi utilizada no programa de rádio que está disponível no perfil da Rádio Armazém no Spotify (<https://spoti.fi/32ZtGFK>). Esta é a transcrição da entrevista.

² Luciano DUTRA – Nascido em Viamão, Rio Grande do Sul (1973). Naturalizado islandês (2007). Bacharel em Letras Islandesas (2007) e mestrando em Estudos da Tradução na Universidade da Islândia (Háskóli Íslands). Tradutor juramentado islandês-português (2008).

³ *Kenning* (forma singular de *kenningar*) é uma figura de linguagem muito atribuída à tradição literária nórdica, em especial à Islândia. São como pequenas paráfrases, similares às metáforas.

⁴ Um exemplo de alto valor literário desse gênero é a novela de 1937 *Aðventa* (*Advento*), de Gunnar Gunnarsson, escritor islandês que fez sucesso na Europa de meados do século XX escrevendo em dinamarquês.

⁵ Algumas semanas após esta entrevista, a página passou a publicar poemas escritos nas línguas *kaallisut* (comumente denominado “groenlandês”) e *sápmi* (comumente denominado “lapão”), a partir de traduções para outras línguas nórdicas, como o dinamarquês, no caso da poesia da Groenlândia, e o sueco e o norueguês, no caso da literatura do povo Sápmelaš.